

conúbio que nasce a fé removedora de montanhas de que falava Jesus.

É essa fé, que se encontra na prática do Evangelho de Jesus, e é pela observância desse estatuto universal que a Doutrina dos Espíritos se esbate. É pela extinção do egoísmo e da treva que o Espiritismo, atualmente, deve terçar as armas da humildade e do amor.

O romanismo, deturpando os evangelhos dos apóstolos, substituindo-os com as decisões dos seus celeberrimos concílios, onde, geralmente, acorrem almas cheias de fatuidade e presunção, desvirtuou os ensinos luminosos do Mestre.

É esse o motivo pelo qual, há muito, vemos o insopitável anseio da humanidade, que deseja cristianizar-se sem romanizar-se. E é assim que num futuro não longínquo veremos constituída a nova fé de que se nutrirá a alma humana.

Será a fé maravilhosa que confia, espera e crê.

Deus não será adorado nos ídolos de pedra. Será amado no santuário dos corações.

F. XAVIER

A LEI DA REENCARNAÇÃO

16 de setembro

■ Tarefa inglória a dos detratores das doutrinas reencarnacionistas. Todos os recursos da dialética e da hermenêutica na tessitura dos seus argumentos, com o propósito de alvejar esse soberbo monumento de sã filosofia, são esforços infrutíferos. É necessário penetrar mais intimamente no âmago das coisas e dos acontecimentos nos tempos hodiernos; e somente as vidas sucessivas desvendam-nos essa multiplicidade de porquês que nos rodeia na vida planetária.

Sem a reencarnação, como se explicaria o problema da dor?

Como se aquilatariam as desigualdades sociais?

Que poderíamos compreender dos diferentes graus da inteligência humana?

Como se descobriria o fenômeno de regressão da memória, uma das propriedades do subconsciente, tantas vezes invocado pelos que receiam a verdade para afastar a hipótese espírita?

Teríamos de nos cingir a São Tomás de Aquino, que, para conciliar com o bom senso o dogma do pecado original, que a Igreja Romana julga afastar com o batismo pela água, "ensinava ser a alma humana criada por Deus no momento da concepção material". Apesar de toda a erudição do doutor angélico, a sua teoria coloca a Justiça Divina abaixo da humana.

Por que esta pune somente os culpados, quando aquela, que é a Suma Essência de todo o amor, há de condenar os inocentes?

Por que é que existem os privilegiados que desfrutam de um gozo aparente na Terra, junto às multidões de seres acatados pelo sofrimento, mergulhados na dor e na miséria, desde o berço ao túmulo, tudo isso sob as vistas amoráveis de Deus, o Pai de todas as criaturas?

Somente a reencarnação resolve tão magno problema.

Desde as mais remotas eras que a doutrina reencarnationista é uma ideia latente no cérebro do homem.

Já nas antigas civilizações egípcias, as coletividades possuíam uma vaga intuição dessa lei imutável, reguladora dos destinos, acreditando na Metempsicose, isto é, que o espírito culpado, após a morte, em longos e indeterminados estágios, permaneceria encarnado em corpos de animais, como o maior dos castigos. O estudosso, sem ideias preconcebidas, encontrará nessa teoria embrionária a luz ainda confusa que já se fazia sentir na alma da humanidade, em sua infância espiritual, quanto à reencarnação, como meio de aperfeiçoamento e expiação de culpas.

Também o gênio céltico deixou uma esteira luminosa através dos tempos, com a sua crença nas múltiplas existências da alma. Muitos filósofos da Antiguidade foram apologistas da reencarnação, se bem que inimigos acérrimos das suas doutrinas impedissem a marcha ascendente das suas ideias excessivamente elevadas para aquele tempo.

De bem longe vem a grande lei reencarnacionista, ocupando o pensamento da humanidade. Sempre foi atacada por todos aqueles cujo grau de evolução não permite uma visão mais larga das lutas da perfectibilidade humana.

Ainda nos tempos modernos há quem a increpe de símilde do inferno, proclamado pela quase totalidade dos teólogos católicos, acusando ainda a lei de causa e efeito de

mergulhar o homem num eterno círculo vicioso; todavia, está mais que taxativamente provado que é o próprio homem quem tece os fios do seu destino, que é o seu livre-arbítrio que escolhe entre o bem e o mal, entre a luz e a treva, entre a felicidade e a desventura, e que a reencarnação é a grande lei que rege a vida das almas. É através dessa lei que os espíritos se depuram, se engrandecem, se elevam e se redimem; é através dela que saímos da nossa infância espiritual, que saímos dos lamaçais do crime para aprendermos a preferir os luminosos jardins da virtude; é com ela que entramos na posse da herança do Pai, que é o amor e a sabedoria.

Nunca devemos esquecer, porém, que o bem cobre multidão de misérias e liberta-nos da nefasta ação do mal. Será o bem que, praticado na face da Terra, em toda a sua amplitude, arrancará a alma humana do poder do sofrimento, da dor; só ele é capaz de, quando fielmente interpretado, libertar o espírito das adversidades do destino.

Tecemos hoje o nosso amanhã. Adornemo-lo, pois, de luz, amando o bem e praticando-o em todos os momentos. Ser bom é tocar do pântano das misérias da Terra a luminosidade esplendente dos céus.

F. XAVIER